



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

CPI - FUNAI E INCRA			
EVENTO: Reunião Reservada	REUNIÃO Nº: 0139R/16	DATA: 09/03/2016	
LOCAL: Mato Castelhana - RS	INÍCIO: 15h11min	TÉRMINO: 15h56min	PÁGINAS: 24

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
RODINEI ESCOBAR XAVIER CANDEIA - Procurador do Estado do Rio Grande do Sul. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Delegado de Polícia Federal. JONATAS INÁCIO - Cacique de terra indígena de Mato Castelhana, Estado do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

Tomada de depoimento.

OBSERVAÇÕES

Reunião realizada em Mato Castelhana, Estado do Rio Grande do Sul. Há palavras ou expressões ininteligíveis. Há orador não identificado em breve intervenção.





O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Nós queríamos pedir desculpas pela visita surpresa, mas o nosso delegado montou essa relação para nós termos condições de fazer essa conversa.

Eu sou Presidente da CPI - FUNAI e INCRA. Nós estamos fazendo esse processo investigatório. A CPI tem três eixos básicos: o primeiro deles é ouvir as pessoas em Brasília, as autoridades que se ouvem sob intimação ou convite; o segundo são as provas documentais, para as quais se pedem documentos para provar o que aconteceu: se saiu dinheiro, para onde ele foi e quem o recebeu, enfim, o que aconteceu, como é que foi feito, essas coisas todas; e o terceiro é o que estamos fazendo aqui, a diligência *in loco* para saber se o que se ouve sobre o que os outros dizem é verdade ou não.

A ideia de estarmos aqui hoje para essa conversa com vocês é muito mais com o intuito de nós termos condições de encontrar uma solução para o conflito em que as duas partes fiquem satisfeitas. Nós temos trabalhado o tempo todo e sempre há a interveniência do CIMI ou da FUNAI. Há uma série de interferências, principalmente na hora de demarcar grande quantidade de terra, que é quando aparecem todos. No entanto, eles não estão muito presentes quando as crianças indígenas estão doentes e têm que ser tratadas, nesse caso nós não os vemos muito. De qualquer maneira, eu gostaria de conversar com vocês sobre isto: o que nós queremos fazer e o que nós vamos fazer aqui.

Eu vou pedir às pessoas que estão aqui conosco para colaborar com este trabalho que se apresentem, por favor.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu sou Rodinei Candeia, sou Procurador de Estado e fui requisitado pela CPI - FUNAI e INCRA. Estou trabalhando e prestando apoio técnico em Brasília.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Meu nome é Fernando Rocha, sou Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados. Nós trabalhamos tecnicamente em apoio à CPI.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Eu sou Lucas Carvalho, também sou Consultor Legislativo e apoio tecnicamente a CPI.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Eu sou Delegado de Polícia Federal Marcelo Xavier e estou em missão de apoio à CPI - FUNAI e INCRA.





O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Vocês já me conhecem, eu sou o Deputado Federal Alceu Moreira, Presidente da CPI - FUNAI e INCRA.

Eu queria abrir os nossos trabalhos com o seguinte questionamento: quando e de que forma foi decidido que o Mato Castelhana seria uma área a ser demarcada?

O SR. JONATAS INÁCIO - Há muito tempo, mais ou menos vinte e poucos anos atrás. Só que no momento nós... Na época que meus pais moravam aqui em Água Santa não tinham tanta área. Naquela época, há 25 anos, dava para eles sobreviverem com aquela área que eles tinham ali (*ininteligível*) mais ou menos umas duzentas famílias. Então, a população foi crescendo e ficou difícil... O pessoal hoje, nas reservas, tem hoje 1 ou 2 hectares de terra. Não dá mais para sobreviver. Não tem como o seu filho sobreviver daquilo ali. E o índio só sabe plantar uma horta de 2 ou 3 hectares e fazer artesanato. Mas hoje não dá para sobreviver com isso. Então, foi levando o tempo, foi, foi e chegou a um ponto em que a população não teve mais como onde sair e eles tiveram que buscar de onde eles têm as raízes deles, que seria o local que nós estamos hoje. A minha avó, minha falecida avó, ela morava no Campo do Meio, ela vivia nessa região (*ininteligível*). O meu tataravô aqui... Então, as histórias do meu pai, que meu bisavô contava, ele foi passando para todas as comunidades mais perto, mais próximas. Então, daí eles acabaram, quando viram que não dava mais para ficar lá dentro, eles acabaram tendo de correr para essas antigas aldeias, seriam as últimas aldeias.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Quem fez o ato declaratório, a declaração para que a FUNAI pudesse encaminhar a questão do estudo antropológico?

O SR. JONATAS INÁCIO - Quem fez o pedido?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Sim.

O SR. JONATAS INÁCIO - Fui eu, eu fiz o pedido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Você fez o pedido.

O SR. JONATAS INÁCIO - Porque no momento tinha a minha tia, que também é natural de Água Santa, todos nós somos natural de Água Santa, dá uns 15, 17 quilômetros...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Eu sei, eu conheço.





O SR. JONATAS INÁCIO - Ela veio, só que daí veio outro pessoal junto que não se acertava. Teve outro pessoal que não é dessa região, que veio junto para apoiar, e daí começou a ter uma briga interna entre eles. Eles acabaram não indo para cima do foco, que seria pedir um laudo para ver, para confirmar se era terra indígena ou não era. Então, eles acabaram só discutindo. No momento em que eu vim, 10 anos atrás, depois de 2 anos (*ininteligível*), eu cheguei, daí eu aguardei, teve um monte de folia interna, briga normal dos índios, e a gente acabou assumindo a liderança. Assumimos, faz uns 2 ou 3 anos que nós assumimos e começamos (*ininteligível*) antes até, antes nós tínhamos reunido todo o pessoal, só que não tinha aderido ainda. Então daí nós acabamos começando a partir para cima, eu e o meu grupo que tinha aqui. Tinha 3 grupos e o meu grupo começou a partir para cima da FUNAI. Ia fazer 7 anos já, de 5 a 7 anos, e a FUNAI não tinha demarcado nada ainda. Então a gente começou a partir para cima dela, começou a bater para eles fazerem, para nós resolvermos essa questão. E a FUNAI não fazia nada — como, até hoje, não faz nada na verdade. Ela está ali só para acalmar nós: “*Fica aí, fica aí*”. Na beira do asfalto, vai morrendo gente, já morreram 2 ou 3 aqui em acidente. Então, nós acabamos focando na terra, em vez de ficar de discussão. A FUNAI, na verdade, ela coloca os índios para brigar. Tem alguns da FUNAI que fazem esse tipo de coisa: “*Enquanto estão brigando, eles não mexem com nós*”. E nós, 5 anos atrás, 6 anos atrás, começamos só a partir... O foco é a terra: é onde nós vamos morar, é onde nós vamos sobreviver. Então, nós acabamos... Até o povo, daí, os outros que estavam brigando vieram para junto de nós. E aí foi feito um laudo há 3, 2 ou 1 mês, um laudo da FUNAI para ver quem que seria o líder escolhido com a maioria dos votos. Eles fizeram um laudozinho pro Ministério Público — porque o Ministério Público pediu, daí eu fui o mais votado, com 80% dos votos da comunidade —, feito pelo Mauro Lemos da FUNAI, um antropólogo. Então a partir daquilo ali a liderança começou a se reunir mais, acabaram os conflitos entre as comunidades que andavam brigando, e estamos até hoje dessa forma. Só que o Governo atrapalha bastante nós. A FUNAI embarga bastante coisa, ela não deixa nós caminhar. Os (*ininteligível*) daqui também pegam muito no pé da gente, a gente não pode... Nós tentamos conversar, ir no diálogo com eles, eles não ouvem nós, eles ouvem mais os agricultores. Então, na verdade, nós estamos há 12 anos amarrados aqui sem





poder o que fazer. Nós chegamos na FUNAI e eles dizem que é o com o Ministro (*ininteligível*) da Justiça, que é o amigo de não sei o que do Meio Ambiente, da FLONA. Então ele diz que não pode assinar, porque não sei o quê, porque vai dar briga entre eles lá e eles não podem se machucar. E a gente não tem o que fazer. Invadimos a FUNAI, trancamos o asfalto, mas trancamos o asfalto e é 10 mil para o Jonas, mais 5 mil para o Geraldo e mais 10 mil para aquele lá. Então, a gente acaba sem o que fazer; não temos o que fazer. De onde nós não vamos tirar 10 ou 20 mil, se nós trancamos por 1 hora a estrada, o asfalto? Imagina, na FUNAI, outra vez nós colocamos para pedir que apressassem os processos, para que o laudo fosse feito, e os índios tomaram conta do prédio de baixo. E sabe o que roubaram lá em cima? Tinham roubado celular lá em cima. Eu disse: *“As câmaras que têm não podem mostrar quem que é?”*. Até hoje... Até o Almeida, ali, eu acho que está acompanhando. Acusaram eu, como se eu tivesse botado os índios para roubar lá dentro da FUNAI, no prédio da FUNAI. Então, agora, eu não posso nem mais ir lá na FUNAI, bater lá e dizer: *“Olha, eu quero que vocês apressem... Que façam a publicação se é ou não é nosso, se vai comprovar ou não vai. Nós queremos saber”*. O que é que nós vamos ficar fazendo aqui na frente? Doze anos, e era para ter começado, era para ter terminado em 5 anos, no máximo. Diz a lei: em 5 anos tem que ser colocado se é ou não é terra indígena. E está parado até hoje lá. Segunda nós falamos com o Presidente da FUNAI. Ele chegou a descer e não pode; o outro não podia, porque era inquilino; a outra não podia, porque se dava muito bem com o Ministro da Justiça. Então, nós acabamos ficando aqui de braços cruzados e na frente dos colonos também dando tiro em nós, ameaçando nós o tempo todo. Assim mesmo nós permanecemos, permanecemos lutando com eles, da forma que dá para viver. Não tem o que fazer. Correr é pior. Voltar para as reservas... Não tem como sobreviver lá dentro, é muito pequenininha a reserva lá. Então, não tem mais o que fazer. É aqui e aqui, não adianta. O que vai fazer?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Está bem. Mas teria algum tipo de proposta em que o Governo pudesse comprar a área onde vocês pudessem ficar? Porque a demarcação pura e simples, tirar a terra de quem tem até documento, com tudo...





O SR. JONATAS INÁCIO - Mas isso foi erro do Governo ao vender essas terras. O Governo loteou essas terras, essas em que nós estamos em cima foi o Governo que loteou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Sim.

O SR. JONATAS INÁCIO - Há 70 ou 80 anos atrás, foi o Governo que loteou essas terras.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Pois é...

O SR. JONATAS INÁCIO - Mas, então, o Governo que fez a cagada, ele que recebeu o dinheiro dessas terras, ele que devolva para os pequenos agricultores.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Deixe-me fazer algumas perguntas. O pessoal, tu disseste, vem de outros lugares. De onde é que veio o pessoal?

O SR. JONATAS INÁCIO - De Água Santa e Ligeiro.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não tinha um pessoal que estava também reivindicando uma área em Pontão?

O SR. JONATAS INÁCIO - Tem (*ininteligível*).

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, antes desse episódio, desse grupo da (*ininteligível*).

O SR. JONATAS INÁCIO - Eu que estava lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Era você que estava lá em Pontão e aí veio para cá?

O SR. JONATAS INÁCIO - É. Eu vim sozinho de lá, aquele grupo era de outro, era lá de outro, era lá de Nonoai.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Aquela área lá não foi reconhecida?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não. O primeiro laudo deu que não tinha sustentação, e o pessoal voltou. E eu vim para a minha terra, faz 10 anos que eu saí de lá e vim para cá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Independentemente de a gente dizer quem tem razão ou não, existem algumas coisas, assim, que são fato hoje. A orientação dos Tribunais, hoje, desde o





Supremo, e depois do caso Raposa Serra do Sol tem mais uma dezena de decisões todas fixando 1988 como marco temporal.

Você mesmo disse que o Governo loteou isso aqui há 70, 80 anos, e que vocês moravam em Água Santa. Caso essa posição, que é a tendência, se manifeste e fique claro que não pode demarcar área — ela não estava ocupada por índio em 1988 —, que solução nós podemos propor para vocês? Em que a gente podia ajudar vocês, caso esse modelo possivelmente não dê certo?

Agora mesmo tivemos o julgamento ali de Mato Preto, que não deu certo; em Santa Catarina, há mais dois casos que não deram certo. O Supremo está julgando vários casos que não deram certo. Se não der certo esse modelo, existe uma previsão legal?

Existe uma previsão legal de o Governo comprar. Como é que a gente podia ajudar a tirar vocês dessa situação e achar uma solução que fosse boa para a comunidade? Como isso é possível, se é possível trabalhar e daqui a pouco propor no relatório da CPI outra solução?

Se a gente ficar aqui, e nem começou a discussão judicial...

O SR. JONATAS INÁCIO - Isso. Nem começou.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...vão mais 20 anos. E aí vocês vão ficar 20 anos aqui na beira do asfalto?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não. A de 1982 não foi aprovada ainda. É que nem a PEC que foi colocada agora, ela não está aprovada, na lei ela não está aprovada. Não tem como se dizer que o marco temporal é de 1988. Ela já está aprovada na lei. Não está aprovada ainda a lei, ela pode demorar mais 15, 20 anos também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - O marco temporal de 1988 está na Constituição.

O SR. JONATAS INÁCIO - Mas a Constituição Federal também diz que é direito nosso eles terem que devolver para nós.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas o Supremo está encaminhando. O que eu quero dizer é o seguinte, não vamos entrar nesse mérito, porque eu conheço a posição de quem defende essa posição e conheço quem defende outra, a verdade é a seguinte: o Supremo está indo nessa direção,





admitamos que tudo se fixe nessa direção, e aí vocês vão ficar aqui sem nada? O que nós podemos, caso não dê certo?

O SR. JONATAS INÁCIO - É só vocês fazerem o que está na lei: compra a terra e dá para nós.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ah, bom. É isso o que nós queremos ouvir.

O SR. JONATAS INÁCIO - Mas, por enquanto, nós queremos que publique, não dá para nós ficarmos com a da lei de 1988. Daí nós vamos ficar na FLONA, que é do Governo Federal. Quem fez a cagada foi o Governo Federal, foi o Governo que vendeu essas terras. E tem a FLONA, que é do Governo Federal. Então nós queremos que saia a publicação para nós estarmos num lugar mais confortável para as crianças, para os idosos e para todo pessoal sem (*ininteligível*.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - O que é FLONA?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A FLONA é floresta nacional. Quantos hectares têm aqui?

O SR. JONATAS INÁCIO - Tem 1.300.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tem 1.300 hectares de floresta nacional.

O SR. JONATAS INÁCIO - É só pinus. Ali não tem nada de floresta ambiental. É só pinus e araucária que eles plantaram. É tudo plantado aquilo ali, não tem nada de nativo, assim, que nasceu ali. É tudo plantado. Na época, os que não pagavam as terras o Governo pegou de volta e fez a...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ele comprou uma parte?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não, ele pegou dos que não pagavam; ele pegou de volta, e quem pagava ficou. Por isso, hoje no mapa da FLONA tem as bolas dos agricultores que moram dentro, porque aqueles que pagaram ficaram; quem não pagou, eles pegaram de volta. Então eles foram fazendo as quadras e colocando pinus e araucária. Então até que se decida isso, nós queremos que saia a publicação. Enquanto isso, nós vamos negociar com a FLONA para nós termos um lugar mais fixo para se colocar lá, enquanto o processo vai levar... Nós não sabemos





quantos anos vai levar. Então, até lá, vocês vão comprar terra para nós? Quando vocês comprarem, nós saímos daqui. É isso o que nós temos a dizer.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E se tiver que comprar, qual é a área que vocês precisam?

O SR. JONATAS INÁCIO - Que seja nessa região aqui nossa.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, mas o tamanho da área. A gente tem que pensar que isso é uma questão orçamentária.

O SR. JONATAS INÁCIO - Vamos ser bem sinceros também nessa parte: se os colonos que foram assentados pelo Governo Federal, pelo PT, tiveram direito a 15 ou 20 hectares, nós queremos 15 a 20 hectares também. É a mesma coisa.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Por pessoa?

O SR. JONATAS INÁCIO - Por pessoa.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quantas pessoas são?

O SR. JONATAS INÁCIO - Hoje nós estamos com 120 famílias mais ou menos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nós estamos falando de algo em torno de 2 mil hectares, é isso?

O SR. JONATAS INÁCIO - De 2.000 a 2.500 hectares, que dá para essa geração. Então, a gente pensa nessa geração. Se der, deu. Mas como os outros têm direito, nós também temos. E esse direito que nós temos aqui é nosso há muito tempo, era nosso isso aí. Então, se a lei... que o Governo vai querer tirar daqui, então me compre essa terra. Mas quero ver quem vai vender que terra. Se o Governo está falido... Os ladrões estão tudo lá, metade dos ladrões está lá roubando, estão só... Cadê o dinheiro de volta? O Governo... E nós temos que trabalhar aqui, por dia, de sol a sol nas maçãs para pagar para o Governo? Quando que ele vai ter dinheiro para pagar? Nunca que o Governo vai ter dinheiro para pagar! O Estado está quebrado, o Governo Federal está quebrado. Quando que eles vão tirar nós dali? Na verdade, vamos ser bem sinceros: depois que colocar nós na FLONA, eles não vão tirar nós da FLONA. Por quê? Como é que eles vão comprar 2 mil hectares se não tem dinheiro para comprar 50? E olha: quantos acampamentos nós temos aqui no Rio Grande do Sul. É muito! Você sabe quantos acampamentos





tem? Tem mil e poucas famílias fora da área da reserva. Quando que ele vai conseguir colocar todos esses...?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso só kaingang?

O SR. JONATAS INÁCIO - Só no Rio Grande do Sul, kaingang, guarani e charrua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Vocês são kaingang?

O SR. JONATAS INÁCIO - Nós somos kaingang. Mas a maioria, 800 e poucas famílias, 900 famílias, são kaingang. Então, calcule quando que vocês vão poder fazer isso para... E nós já estamos há 12 anos...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Veja bem, nós não somos do Executivo.

O SR. JONATAS INÁCIO - Eu sei, eu sei.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nós estamos lá para propor a solução. Nós não somos do Executivo. Nós estamos investigando e estudando o caso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - O que é importante saber, Jonatas, é o seguinte: independente do que aconteça, se o juiz decidir que o marco temporal é que vale, no dia seguinte (*ininteligível*) aqui. A solução não foi encontrada. Então, tem que haver uma solução.

O SR. JONATAS INÁCIO - Claro que não, continua igual.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Alguma coisa tem que acontecer. Decida-se para lá ou para cá, mas tem que haver uma solução.

O SR. JONATAS INÁCIO - Só não nos deixa nessa situação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Se os colonos têm que entregar, tem que se comprar outra terra e dar para eles. Não tem outro jeito, tem que fazer.

O SR. JONATAS INÁCIO - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Ficar nesse jogo de empurra-empurra é que não tem como. Vocês vão ficar mais 20 anos com essas crianças tudo na beira da rodovia, o tempo todo nesse pedacinho de chão? Se continuar como está, vai a vida inteira.





O SR. JONATAS INÁCIO - Por isso mesmo a gente quer que tomem uma decisão. Ou o marco temporal derruba e eles compram de uma vez, ou como é que vamos fazer? Nós não sabemos mais para onde... quem procurar. Procura a FUNAI, e a FUNAI nos embarga, eles nos metem processo. O Ministério Público não tem como se mexer, porque o Ministério Público... Com a Fernanda ali, entramos com um monte de ação contra a FUNAI, eles foram rebatendo, foram pagando multa e no final parou tudo. Então, não tem para onde nós correr mais. É ficar aqui e, daqui a pouquinho, quando começar a dar conflito... Daí que o pessoal lá em cima vai ver.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Outra coisa. Nós tomamos o cuidado de visitar a Reserva Indígena Votouro, falamos com o Garcia e com as lideranças, visitamos a Reserva de Mato Preto e falamos também com as lideranças de lá, e uma das coisas que nós identificamos — e o senhor me corrija se nós estivermos errados — é o seguinte: boa parte dessas pessoas está fora da reserva não necessariamente porque a área é pequena, às vezes é por conflitos internos, por disputas.

O SR. JONATAS INÁCIO - Algumas têm 10%...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Na verdade, o que nós notamos em várias reservas é que, talvez, tivesse que se resolver esse aspecto da gestão interna das lideranças antes de nós começarmos a criar nova área, e daí criar novos focos de conflito coisa e tal.

O que o senhor nos diz disso da sua experiência?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não tem como viver. Nós estamos com 100 mil hectares, nós estamos com 21 ou 22 mil índios com mais ou menos 30% da terra que é produtiva. Do que o índio vai viver? Um hectare vai fazer o quê? Todos esses índios vão fazer o que com 1 hectare? Não tem com o que ele sobreviver. Não tem emprego nas terras da reserva, não tem como eles trabalhar, só frigorífico. Hoje em dia, na região, aqui quem trabalha são só índios no frigorífico. A terra ficou muito... Se você está morando com o seu vizinho colado, você vai brigar com ele uma hora. É a mesma coisa. É muito índio para pouca terra no Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul, tem muito índio para pouca terra. Então, ali é que dá os conflitos. Quem está plantando 2 hectares, 5 hectares tem o que comer, e aquele que não consegue plantar nem 1 hectare, nem que não tem, ele vai, quem está com fome vai





brigar. É isso o que acontece em tudo que é lugar. É muito pouca terra para muito índio.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está bem. Mas, quanto a esse problema da gestão interna, tem que melhorar?

O SR. JONATAS INÁCIO - Isso tem que melhorar. Mas cada um tem a sua razão. O cacique lá dentro sempre vai ter... Se tiver mil famílias, sempre vai ter 200 contra, sempre vai ter 100 contra. Nunca vai ser 100%.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas não tem como fazer igual se fez em Votouro, por exemplo, onde eles criaram um conselho?

O SR. JONATAS INÁCIO - Esses conselhos é igual, eles puxam lá (*ininteligível*) ficou 10 anos... O conselho puxa para a família do conselho mesmo. Acontece a mesma coisa ou até pior que com um cacique. O cacique eles respeitam. É claro que o cacique também vai ter que andar na linha, por isso existe o Ministério Público, para, no momento que eles errarem, eles partirem para cima deles. Mas sem cacique, não adianta, não vai.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, não. Não é que não tenha cacique. Eu digo, daqui a pouco...

O SR. JONATAS INÁCIO - Essas brigas vão sempre existir. Isso daí é da cultura do índio. Sempre vai ter esses bolinhos aí que eles resolvem entre eles. Mas uns vão para fora...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor não acha possível entrar num consenso?

O SR. JONATAS INÁCIO - Eu acho que é um milagre se acontecer isso. Não acontece. Nós sabemos de tudo o que acontece no Rio Grande do Sul, em todas as reservas. Sempre acontece uma coisa dessas. Sempre acontece.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Outra coisa que o senhor me falou: a população está crescendo e não há como trabalhar em 1 hectare para cada um, coisa e tal. Isso não é muito diferente do que acontece com a população urbana. Ou seja, as famílias vão crescendo, não tem mais como todos serem agricultores, alguns vão trabalhar ou vão estudar.





Será que não seria interessante ajudar vocês na parte da profissionalização, para vocês não terem de trabalhar só em frigorífico, em safra de maçã ou coisa assim?

O SR. JONATAS INÁCIO - Claro. Claro que tem que ser assim. Todos nós esperamos isso, todas as reservas: que venha uma empresa ou alguma coisa que coloque o pessoal para trabalhar. Mas é muito difícil o pessoal fazer isso. A maioria do nosso pessoal está nas maçãs, colhendo uvas em Caxias, na região inteira estão trabalhando. Então, eles vêm, só que só dá na safra, então eles assinam carteira só na safra, 3, 4 meses. O resto do tempo eles têm...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em Brasília, escutamos muitas críticas. Por exemplo, falamos que aqui existem indígenas agricultores e eles criticaram: *“Não, indígena não pode ser agricultor. Agricultura é coisa de branco.”* Daí, eu disse para ele: *“Você conhece lá? Já falou com algum indígena para saber o que o indígena quer?”* Vocês têm trabalho na lavoura, vocês conhecem a lavoura.

A mesma coisa eu perguntei hoje de manhã e perguntei outro dia: as pessoas que querem trabalhar fora, que querem trabalhar numa empresa, que querem trabalhar num escritório, que querem ser contadoras, que querem ser médicas deixam de ser indígenas? Esta é a pergunta que eu faço para o senhor: o senhor acha que o fato de dar uma formação profissional, educação, vai tornar o indígena menos indígena?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não. Nunca deixa de ser indígena. Eu acho que tem de dar formação sim, só que como vai dar? Hoje, vamos supor, você tem um filho. Hoje ele vai entrar, sem um *tablet*, sem um celular, sem um computador, no colégio, ele vai fazer alguma coisa? E isso custa dinheiro. Então tu vai tirar, com 1 hectare tu vai dar a roupa para o teu filho, um celular, um *tablet*, alguma coisa para que ele esteja informado? Quando nossos índios tentam entrar no mercado, eles não têm condição, eles não têm competência, porque não chega dinheiro, não tem verba para eles trabalharem. Não tem cursinho dentro das reservas. Então eles acabam ficando sem saída, porque eles não têm o que comer. Quando tiverem 15, 16 anos, eles têm que sair para trabalhar, para poder trazer dinheiro para a mãe,





para ajudar a cuidar dos outros irmãozinhos deles atrás. Então eles acabam deixando o estudo deles, porque eles têm de trabalhar, para poder ajudar a família.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o que o senhor sugere que seja feito?

O SR. JONATAS INÁCIO - Olha, eu acho que teria de ter mais cursinho, que nem tu colocou, para o pessoal se formar, que nem tem os magistérios hoje, que estão... Agora veio, faz dois meses saiu, em Erechim, o pessoal com bolsa e coisa para estudar e começar a trabalhar. Daqui a 4 anos estarão formados. Eu acho que 30 ou 40 bolsas que vieram. Então lotou, foram 100 índios lá. Quando saem essas oportunidades, o pessoal vai. e consegue trabalhar. Mas isso aconteceu há quanto tempo? Mais de 15, 20 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Isso para nós é uma questão fundamental. Você está dizendo o seguinte: se o Governo der a oportunidade, para a comunidade indígena, de qualificação profissional e inclusão no mercado de trabalho, evolução de ensino, eles estão dispostos a isso. Então, aquela conversa lá de Brasília de que eles têm de se manter no isolamento das matas não se confirma. Você está dizendo aqui, agora: se colocar à disposição...

Talvez seja isso uma forma de solução daqui para frente, porque não vamos conseguir esticar a terra. Certamente, vai ter que ter solução para isso. Pelo que se percebe, a narrativa dele, como cacique, é no sentido de que se o Governo oferecer qualificação de qualidade para a comunidade, possibilitando-lhes competir no mercado de trabalho, eles certamente vão fazer isso.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso torna menos indígenas as pessoas?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não, claro que não. Mas eu acho que o pessoal tem que ter o espaço para sobreviver nessas reservas antigas. Não tem mais como o pessoal voltar. Essas 900 famílias não vão mais voltar. Elas já estão há 10, 15 anos fora dela. Eles não vão mais habitar com os outros indígenas. Eles podem se visitar, mas não tem mais onde eles se colocarem. É muito difícil eles serem aceitos pela comunidade de volta, essas 900 e poucas (*Ininteligível.*). Vamos supor eu, do meu grupo, nenhum cacique vai me aceitar na sua reserva. Eles vão temer. Eles vão achar que eu estou indo lá para derrubá-los, para trabalhar. E eles não têm onde me





colocar. Vai virar uma guerra entre indígenas. Então, a maioria do pessoal saiu para não brigar, por causa de um espaço para poder criar os seus filhos tranquilamente e por emprego, para poder pôr os filhos nos empregos. Hoje em dia, nós estamos pedindo, a bem dizer, 15, 20 hectares, 15, vamos supor. Para nós, queremos esses 15 para formarmos nossos filhos para que eles trabalhem lá fora. Eles não vão ficar aqui dentro, trabalhando. Não tem espaço. Não vai ter espaço. Daqui a 10 anos, os nossos filhos que estão com 7, 8 anos já vão estar com 22 anos. Então, eles vão ter que estar formados. E, para nós os formarmos, nós vamos ter que mantê-los. Nós vamos ter que ter dinheiro para mantê-los. Nós vamos ter que trabalhar na agricultura. Vamos ter que fazer alguma coisa para mantê-los. E, com este salariozinho que nós ganhamos nos frigoríficos, dá apenas para comer. Nossos filhos não vão se formar. Eles vão chegar aos 15 anos e terão que trabalhar. Eles vão ter que ir às colheitas de maçã e acabarão desistindo do colégio, porque não dará mais. No nosso ponto de vista, de todos nós que estamos mais ou menos fora, nenhum tem mais como voltar. Eles não são mais aceitos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas a solução teria que ser um projeto mais estruturado.

O SR. JONATAS INÁCIO - Isso, mais estruturado, para, daqui a 10 anos, resolver o problema dos que estão aqui, hoje, acampados. Para ninguém mais invadir e, dali, mostrarem que podem trabalhar e não invadir mais terras. Nós estamos cientes disso aí.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E continua índio?

O SR. JONATAS INÁCIO - E continua índio, trabalhando lá fora, participando de igual para igual, em qualquer universidade, como qualquer branco, preto, amarelo, o que seja.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sabe que eu tenho um amigo que é deputado federal indígena nos Estados Unidos? É um dos maiores economistas dos Estados Unidos. Então, eu não vejo problema nenhum em...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Há uma questão que tem que se manter com clareza nisso. Eles podem e devem, na minha visão, qualificar-





se e disputar espaço no mercado. Mas eles têm que ter o lugar para manter a cultura, voltar para terra deles, poder estar com a... O que não pode é urbanizar para transformar todo mundo. Os americanos falam tanto de índio, mas os que não foram mortos acabaram urbanos.

O SR. JONATAS INÁCIO - Mas o pessoal não volta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Não volta.

O SR. JONATAS INÁCIO - Já dá conflito na hora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Então, a gente tem que ter claro que eles podem e devem fazer essa evolução; mas, em algum lugar, o Governo tem que encontrar uma reserva para eles poderem praticar a cultura deles, os hábitos deles. Tem que ficar nesse processo. Não se pode tentar empurrar imediatamente para tentar fazer os hábitos e costumes dos brancos.

O SR. JONATAS INÁCIO - A gente tem (*ininteligível*), o pessoal trabalha. Mas, aqui dentro, nós temos a nossa liderança, nós temos a nossa cultura. As leis postas pelos mais velhos têm que ser obedecidas aqui e têm que ser obedecidas lá fora. Se passar entre nós um que não podemos mais aconselhar, não podemos mais conversar, aquele piázinho que tem entre 6 a 10 anos, que fez alguma coisa errada e não ouve a mãe; aí tem Conselho, tem Polícia e daí para frente. Mas primeiro é aqui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso também há nas nossas famílias. Sempre tem que se resolver os problemas de família.

Outra coisa que eu queria perguntar é quanto à questão dos serviços públicos. Há muita conversa lá em Brasília: "*Ah, na área indígena, não pode o Estado. Ah, não pode o Município...*" Vocês sentem necessidade de ter os serviços públicos: saúde, Polícia, quando vocês precisam, educação? Vocês sentem essa necessidade e a falta disso dentro do ambiente?

O SR. JONATAS INÁCIO - Claro que nós sentimos. Hoje, nós temos educação, porque nós forçamos o Estado. E quem fez foi a comunidade, com o dinheiro deles, trabalhando, juntando tavinha por tavinha, para fazer o colégio. O Governo Estadual não botou nenhum pinga aqui em cima. Quem fez foi a comunidade. Saúde, há mais de 8 anos que o Município ganha recurso do Estado e não a está apoiando. (*Ininteligível*) em Porto Alegre, nós recorremos, com a





Fernanda, ao Ministério Público, e eles não quiseram apoiar. Então, caiu, perdemos um pouco de dinheiro. Agora, há mais cento e poucos mil para a saúde. E eles não dão. Olhe aqui, nós temos esgoto aqui de fora a fora. Já há mais de 8 anos nós estamos dentro do Município...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - A Prefeitura de Mato Castelhana?

O SR. JONATAS INÁCIO - Mato Castelhana. Não dá. Eles não cedem o dinheiro, porque dizem que aqui não existe índio. Então, eles não cedem o dinheiro para a saúde, para a educação, para a agricultura, pior ainda. Então, na verdade, nós estamos aqui abandonados. Depois, eles acabam cometendo algum delito que não é da nossa cultura, e o pessoal diz: *“Ah, todos os índios são daquele jeito!”* É como supor que brigaram e mataram porque todos os índios são daquele jeito. Não são todos índios. Tem branco, tem amarelo que mata, rouba, estupra. Existe em todas as comunidades. Mas eu digo: aqui, o nosso pessoal não fez isso ainda, mas uma hora vai acontecer porque eles não têm mais o que fazer. Eles vão começar a roubar, vão começar a usar drogas, vão começar a fazer isso se não tem mais *(ininteligível.)*. Não tem o que eles fazerem. Primeiro, nós estamos aqui encurralados no asfalto. Não tem por onde nós sairmos. Outro dia, deram quase 7 ou 8 tiros de rifle na minha casa. Mas vamos fazer o quê? Para onde nós vamos correr? *(Ininteligível.)* E para isso o Governo está fechando os olhos, a FUNAI está fechando os olhos, a Polícia Federal vem e faz a parte dela, mas não acha saída. Na verdade, nós estamos há mais de 4 ou 5 anos perdendo as esperanças, o pessoal está abandonado aqui. Se não é com pressão... O Ministério Público faz a parte dele, mas não...

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - A gente escuta algumas pessoas falando que índio não pode plantar soja, não pode arrendar, tem que viver da caça, da pesca e de um modo mais tradicional. Dizem que soja é coisa de branco, que arrendamento é coisa de branco. O que o senhor acha desse argumento? O que o senhor entende disso?

O SR. JONATAS INÁCIO - Eu acho que o índio tem que...como você disse do arrendamento... Eu não acho certo o arrendamento. O índio tem que plantar soja e tudo quanto é tipo de coisa. Como eu disse, se eu matar um hoje, eu tenho que





pagar como qualquer um de vocês. Então, por que não temos os mesmos direitos? Por que não posso chegar a um bar e tomar uma cerveja no final do mês, quando eu receber do meu serviço? Tem essa tabela lá dizendo que é proibido vender bebida para índio. Mas o que eu tenho de pior do que o outro pessoal. O acesso ao prédio... Por que nós não podemos comprar um trator, se nós tivermos... Por exemplo, com quase 5 mil hectares, por que nós não podemos ter crédito para comprar 10 tratores para plantar lá? Por que os índios não têm crédito? Por que o Governo não financia? Ele quer lucro? Por que não financia para os índios? Por que não diz que há uma carta para eles para pagarem? Como é que um colono tem para pagar 10 em um trator, 10 em uma ceifa, 10 em uma plantadeira? O índio não tem nada disso. Eles querem... O Governo manda a cestinha básica para nós e diz: *“Vamos enfiar neles porque, enquanto estiverem comendo, ficam quietos lá. Ficam lá.”* Não é isso o que nós queremos. Nós queremos plantar, nós queremos produzir, nós queremos mostrar para os nossos filhos que nós podemos, porque eles têm que se formar para poderem estar no mercado hoje trabalhando. Nós queremos o mesmo espaço de qualquer ser humano. Nós queremos o nosso espaço.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Ou seja, nas suas palavras, de uma forma resumida, o senhor quer todos os direitos e deveres de todos os brasileiros.

O SR. JONATAS INÁCIO - É isso aí!

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Tem uma informação que faz 2 meses...Alguém falou aqui?

(Não identificado) - Dois meses que não vem a cesta, não é, Jonas?

O SR. JONATAS INÁCIO - Dois, três meses já! Não é todo o mês, são 9 meses por ano que eles mandam. É uma cesta básica de 20 kg de alimento. Eles ficam colocando isso nos índios para ver se eles abafam. Então, o Governo, tanto o Estadual como o Federal, todos eles não estão nem aí para os índios, que são minoria. Então, é difícil. Só que, quando acontece alguma coisa grave, quando morrem 4 ou 5 índios na beira da estrada... Quando morrem 2 ou 3 brancos lá no rotor é um *“Ai, meu Deus do Céu”*, até a Força Nacional vai descer. Quantos índios nós perdemos no Rio Grande do Sul? Eu queria fazer essa pergunta. Você sabe





quantos índios nós perdemos no Rio Grande do Sul desde que entramos neste acampamento aqui, em 2004 ou 2005?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Desde que eu estou... Eu atendo pessoas indígenas faz quase 30 anos. Especificamente nesses últimos, atuei em Serrinha, Planalto, em todos aqueles eventos. Eu nunca vi, eu nunca vi nenhum índio ser morto por branco. Nesse período, eu não vi, eu não vi. O único caso que eu acompanhei agora mais recentemente foi o caso de Faxinalzinho. Mas índio ser morto por branco eu não vi de lá até aqui.

(Não identificado) - Acho que aquele índio que morreu lá em Brasília queimado... *(ininteligível.)*

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, aquilo foi um absurdo.

O SR. JONATAS INÁCIO - Olhe, há 3, 4 anos, três pessoas morreram em Alto Recreio. Um com tiro na testa; outro, com tiro na boca; outro desnucado dentro da cidade... Hoje, ninguém sabe quem foi. Até hoje... Quantos morreram fora da reserva? Quantas crianças nós perdemos em tudo que é lugar, às vezes, de fome, de coisa? Mas e de assassinato, desde 2004? Nós indígenas nos reunimos e foram mortos mais de 70 indígenas no Rio Grande do Sul, desde 2004.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas não houve conflito.

O SR. JONATAS INÁCIO - Não, tiro na cabeça dentro da cidade, na beirada das reservas, nas divisas das reservas. E alguém investiga? Não, é um coitadinho! Ah, mas quando um branco morre lá, meu Deus do céu! Ah, Deus! Ah! Tem que chamar lá a Força Nacional. Eu vi um depoimento seu, que até tinham tirado os ovos dos caras lá. Eu estava lá, eu fui lá ver.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, eu não disse isso.

O SR. JONATAS INÁCIO - Estava no seu...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, eu não disse isso.

O SR. JONATAS INÁCIO - Estava no depoimento que eu peguei na... Até na Uirapuru.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas eu não disse isso.

O SR. JONATAS INÁCIO - Se não colocou, estava no *site* dela.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, eu não disse isso, mas que torturaram, torturaram. Eu acho, assim, que não se justifica.

O SR. JONATAS INÁCIO - Não justifica o que eles fizeram.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não justifica.

O SR. JONATAS INÁCIO - Só que eu digo assim: só que tem que ser direitos iguais.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Exato.

O SR. JONATAS INÁCIO - Se o índio fez, tem que pagar. Se o branco fez, tem que pagar.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Exato.

O SR. JONATAS INÁCIO - Então, é isso que nós estamos esperando. Por que para uns tem e para outros não tem? Eu queria entender isso. Por que para uns brancos (*ininteligível*) tem que ser (*ininteligível*)?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Talvez, não tenhamos nos entendido. Eu... Para mim, não tem diferença.

O SR. JONATAS INÁCIO - Eu, pela tevê, pela mídia, vejo o que acontece. Você, outro delegado, a Polícia Federal e o outro que está lá junto com o outro Deputado lá só querem nos criticar, só querem: "*(Ininteligível.) ...tem que botar na cadeia*".

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu acho que o senhor está ouvindo por terceiros. De mim, o senhor não ouviu.

O SR. JONATAS INÁCIO - Ah, eu estou ouvindo por terceiros, pelos boatos que estão na mídia.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Exatamente. É por isso que eu estou aqui. O senhor tem que olhar para mim e eu lhe digo: eu nunca ofendi um índio.

O SR. JONATAS INÁCIO - E eu queria pedir para ti também, para a Polícia Federal e ao Delegado... O Dr. Mário está nos perseguindo, para todos vocês saberem. O Mário está perseguindo os caciques, ele está botando... Ele nos chama





para um depoimento, ele escreve totalmente diferente. A gente vai ser ouvido pelo Juiz aqui de Passo Fundo, e a gente nem sabe o que está acontecendo. Ele já colocou um monte de coisa. Eu disse assim: *“Desse jeito, não dá. Nós já percorremos para Brasília, fizemos um monte de coisa”*. Ele não pode estar perseguindo. Fizeram um protesto aqui no meu acampamento. Eu estava no velório do meu pai lá e ele mandou... Queria me prender lá. Se não fossem o Almeida e os outros investigadores, ele tinha mandado me prender em plena missa do velório do meu pai! Mas por quê? Se fosse o Geraldo que tivesse feito... Vamos supor que ele me transferisse. Por que eu é que tenho que pagar? Que privilégio eu tenho... Eu sou cacique, mas eu sou *(ininteligível)*.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor não acha que a gente tinha que entender o que está gerando toda essa situação de conflito e tentar achar uma solução?

O SR. JONATAS INÁCIO - Eu quero achar a solução. E que o Ministério Público e a Polícia Federal nos respeitem um pouquinho mais, e não... Pelo menos, que as lideranças nos respeitem um pouquinho. Nas lideranças, ninguém respeita. Para nós acalmarmos o pessoal, nós servimos. Vamos supor que o Sr. Geraldo fez alguma coisa lá, tu achas que eles vão acusar o Geraldo? Você acha que a Polícia vai vir pegar o Geraldo? De onde? Eles não vão vir buscar o Geraldo, eles vão vir buscar o cacique! Daí o cacique presta para isso! O que eu tenho mais do que o Sr. Geraldo? Se eu sou cacique, eu não tenho nada a mais do que ele! Eu não sou melhor nem pior. Se eu fizer, eu respondo pelos meus atos e ele, pelos dele. Mas a Polícia Federal e o Mário estavam... Só que: *“Pegue o cacique! Pegue o cacique! Pegue o cacique!”* Ele está focando tudo nos caciques.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Cacique, é preciso que vocês *(ininteligível)*... A gente não pode...

O SR. JONATAS INÁCIO - O Ministério Público tem que estar olhando, tem que estar vendo que não é... Porque têm que ser feitas as coisas, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas esta conversa é boa, Deputado. Esta conversa franca, assim, cara a cara, é boa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Não, que é boa, é boa, mas ela é interminável, nós vamos passar a noite inteira aqui.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É bom, é bom.

O SR. JONATAS INÁCIO - Mas ele já fez isso e já foi... Já foi mentindo lá. Ele encaminhou outros processos lá que eu vi na CPI de vocês. Ele me acusou. Depois, foram minhas irmãs, brigaram aqui comigo, saíram e foram lá, me denunciaram. Ele colocou como se tivesse acontecido!

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Na CPI?

O SR. JONATAS INÁCIO - Lá no negócio... Negócio da CPI, que eu cobrava propina de professores e coisa e tal!

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Na CPI?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Não, na CPI, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - CPI não traz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Não era Comissão Parlamentar.

O SR. JONATAS INÁCIO - Eu tenho ali um negócio que é passível de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Mas não na CPI.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas não é na CPI.

O SR. JONATAS INÁCIO - Mas ele encaminhou também para ser colocado na CPI. O Deputado lá, o Heinze, ele colocou no... Até hoje está no nome dele o negócio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Ah, sim, pode ser.

O SR. JONATAS INÁCIO - Então, daí, de qualquer maneira, sem prova nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Aqui neste processo o que eu estou dizendo é o seguinte: tem alguém muito interessado que esta discussão continue indefinidamente.

O SR. JONATAS INÁCIO - É claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - É botar um contra o outro o tempo inteiro, deixar o povo brigando e ficar olhando de fora. Não tenho dúvida de que, quando tiver terra demarcada, a única coisa que não interessa são os índios. Aliás, a Raposa Serra do Sol é um testemunho disso. Demarcaram toda a área e os índios estão morrendo de fome, no abandono completo, disputando um pedaço de





lixo com os urubus para comer, naquele mundo de terra que tem lá. Nunca mais apareceram lá. Na minha visão, há outro interesse. O índio está sendo utilizado nesse processo, porque a terra, quando demarcada, é da União, não é do índio.

Se fosse para resolver o problema do índio, porque onde tem reserva não há titularidade, para que ele compre trator, compre máquina? É um cidadão, deixem! Por que tem de ficar para a União? Porque amanhã ou depois os sem-terra irão acabar tomando essa área. Onde tem minério, irão vender o minério. Onde tem madeira, irão vender a madeira. O índio irá continuar na mesma situação.

Se nós continuarmos a imaginar que nós lá em Brasília somos contra os índios, que todos aqui são contra os índios... Nós somos contra o vigarista que está por trás desse movimento, que não tem nada a ver com vocês aqui, mas usam os índios e os negros como massa de manobra nesse processo para instigar uma briga que interessa a outros. Se o Governo quisesse resolver o problema dos índios, seria simples: onde tem justiça tem terra para todos. Vem aqui, compra, paga e entrega a terra. Não precisa nada. Esse conflito interminável de 20 anos, 30 anos serve, porque, amanhã ou depois, certamente haverá uma demarcação de terra. Mas eu tenho dúvida se para o índio haverá demarcação. Para começar, ele arrenda terra e, amanhã ou depois, haverá uma denúncia de que a terra foi arrendada e vão tirar o índio de lá. E a terra fica na mão deles. Já aconteceu em outros países.

O que queremos dizer para vocês é o seguinte: ou nós botamos na cabeça, com clareza, que nós não estamos aqui para ser contra índio coisa alguma. A gente está querendo encontrar uma solução para terminar o conflito. Nós não vamos evaporar daqui se amanhã tiver uma lei "x." Tem-se que resolver o problema. Tem de ter terra para índio, para branco. Tem de haver solução para agora, para depois de amanhã, para o outro mês, para o outro ano. Se nós não pararmos para discutir isso, vamos ficar a vida inteira culpando o outro.

Nós também achamos, por outro lado, que o Ministério Público, por exemplo, age absolutamente parcialmente, sempre a favor de vocês — sempre. Nós achamos isso. A gente vai lá ler os processos. Pouco importa o que eu acho disso. O que importa é que o conflito continua. Eu vou sair daqui agora com a CPI, a gente vai levar esses dados que vocês estão dizendo para se montar uma proposta de solução. Mas eu não vejo, para um Governo que tinha o Sr. Gilberto Carvalho como





o cidadão mais interessado na questão indígena, qualquer tipo de solução. Em qualquer lugar onde houver demarcação, não haverá solução posterior. Demarcam, colocam o índio lá e, depois, o abandonam completamente.

O SR. JONATAS INÁCIO - Nós buscamos, nós e os outros acampamentos, todos os meses nos reunir para conversar. Nós não queremos um monte de terra. Nós só queremos colocar nossa casinha, ter nossa horta, plantar, para produzir e criar nossos filhos. Nós não queremos mais do que isso. Nós não queremos 50, 100, 300 hectares de terra. Nós não queremos isso. Nós só queremos o mínimo para sobreviver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Jonatas, como é a participação do CIMI aqui?

O SR. JONATAS INÁCIO - O CIMI nunca deu nada para nós. Mas, para os outros acampamentos, eu sei que ele deu. Ele dá ônibus. Ele manda comida, mas para nós ele nunca deu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Eles não participam das reuniões de vocês?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não. Nunca participaram. Não tem voz aqui dentro. O CIMI nunca participou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Nem uma ONG?

O SR. JONATAS INÁCIO - Eles têm os caciques puxa-sacos. Nós estamos indo contra eles, porque eles nos usam para fazer protesto, para fazer baderna. Sem discriminação, eles botam lá os quilombolas juntos para fazer uma folia contra o Governo, brigar, botam o peito e deixam para os índios levarem bala. Em Porto Alegre, quantas vezes aconteceu isso? Eles botam o peito e nós nem sabemos com quem estamos mexendo. Eles botam o peito, saem correndo e ficamos nós na bronca. Aqui o CIMI não apita nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Alguma ONG tem participação?

O SR. JONATAS INÁCIO - Não, nenhuma. Somos nós e o (*ininteligível*) para cima da FUNAI, só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - A FETRAF não participa?





O SR. JONATAS INÁCIO - Também não. Nunca chegaram aqui, nunca participaram deste acampamento. Nós sabemos de vários acampamentos em que eles participam, mas deste aqui nunca participaram. Mesmo nos nossos protestos nós é que bancamos a comida. Nós pedimos cinco quilos de carne para cada um comprar, para fazer com o feijão e o arroz para eles comerem lá. Tudo é da comunidade. Que nem este colégio, que foi feito pela comunidade. Este grupo aqui é totalmente independente. O que nós decidirmos aqui está decidido. Nós não temos que puxar para nenhum lado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alceu Moreira) - Eu queria perguntar para o pessoal da Comissão se tem mais algum questionamento a fazer. Não?

Bom, pessoal, então, eu queria agradecer muito e pedir desculpas por ter chegado dessa forma. A questão é que nós não queríamos fazer uma oitiva formal. Nós queríamos fazer uma conversa desse jeito mesmo, como fizemos. Queríamos ouvir a verdade com relação a vocês. Lá em Brasília, a gente sempre ouve a voz dos índios pela voz de um branco da FUNAI. Por alguém da Igreja, por alguém do SINE. São eles que estão lá. Não ouvimos os índios diretamente.

Se é que ter alguma solução, ela terá de ser tratada diretamente com os índios, com as lideranças indígenas. Não adianta ficar conversando com terceiros, porque o terceiro está querendo tirar vantagem desse processo. Nós queríamos agradecer muito a todos, pela forma como procederam, ao cacique, que, educadamente, recebeu-nos.

Dou por encerrada a presente oitiva.

